

Revista Pandora Brasil

[Home](#) [Índice](#) [Minicurrículos dos autores](#)

O JOVEM, O ÁLCOOL, A ESCOLA E SEUS ENTORNOS: MODELOS DE PREVENÇÃO E CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA AMBIENTAL – UM ENSAIO

Aurélio Fabrício Torres de Melo

Os que vivem há algumas décadas na cidade de São Paulo acompanharam seu crescimento e, provavelmente, observaram a multiplicação de bares e casas noturnas destinadas ao consumo de bebida alcoólica como condição do entretenimento, especialmente no entorno das escolas. Igual crescimento tem se observado no consumo de bebida alcoólica entre jovens. De acordo com pesquisa realizada pela Secretaria Nacional Anti-Drogas em parceria com a Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas da Universidade Federal de São Paulo e divulgado pela Revista Isto É (setembro 2007): “Um estudo de 2006 demonstra que o consumo de bebidas alcoólicas aumentou 30% em cinco anos na faixa etária entre 12 e 17 anos. No grupo entre 18 e 24 anos, o crescimento foi de 25%”.

Segundo esta pesquisa, os adolescentes têm ampliado a estatística do alcoolismo no país e perfazem, atualmente “10% da parcela de brasileiros que bebem muito, somando um total de 3,5 milhões de jovens (...). Em cinco anos a ingestão de bebidas alcoólicas aumentou 30% entre jovens de 12 a 17 anos e 25% entre jovens de 18 a 24 anos”. Os dados mostram também que “pela primeira vez, as meninas estão bebendo quase tanto quanto os meninos”. Assim como os jovens estão “iniciando cedo a rotina de abuso de álcool. A idade média em que meninos e meninas de 14 a 16 anos começaram a beber foi 14,6 anos. A mesma pergunta foi feita para jovens de 18 a 25 anos. Eles começaram bem mais tarde: 17,3 anos”. Ainda que a estatística apresentada não seja indicadora de prognóstico sombrio,

não é possível ficar indiferente ao fato de que mais jovens estão consumindo álcool e o consumo se dá cada vez mais cedo. Quais as possíveis implicações?

Segundo dados fornecidos pela Unidade de pesquisa em álcool e drogas – UNIFESP, (2006), na população de 20 anos, em 65% dos casos, o consumo precoce de álcool causa dependência química, aos 40 anos causa dificuldade de concentração, baixo rendimento no trabalho, sono, cansaço, apatia. Aos 60 anos provoca perda de 1.8% do volume cerebral global, que afetará funções como memória, raciocínio lógico e capacidade de abstração. Portanto, tipo de bebida, forma de beber, duração do uso, frequência, devem ser elementos de análise e instrumentos de diagnóstico.

Ainda como decorrência de alterações cerebrais, observa-se no jovem, prejuízo no aprendizado de regras, concentração e atenção; aumento de tendência de comportamento sexual de risco, com maiores chances de contração de doenças sexualmente transmissíveis; desenvolvimento precário das habilidades, queda da auto-estima e pior ajustamento social. No futuro, obesidade, ansiedade e depressão, cirrose hepática, perda da memória, evoluindo para tumores malignos na boca, laringe e faringe com risco de vida.

O jovem, pela sua própria condição, depara com questões psicossociais que, no mínimo, são geradoras de muita expectativa: a busca de identidade própria; a necessidade de pertencer a um grupo social; a escolha profissional. A realização do diagnóstico das causas deste comportamento é imperiosa a fim de subsidiar projetos preventivos e cuidados com os danos já causados.

Tem sido comum pensar a droga como um problema em si mesmo, ou seja, sua problemática surge e se mantém a partir do seu uso e o foco de seu estudo está restrito ao ato de consumi-la. Nesta perspectiva o usuário é vítima, sua história pessoal não é considerada, não está contextualizado por sua sociedade e cultura local e seu perfil psicológico pouco importa diante do poder devastador da droga. No entanto, esta não é a única maneira de abordar este problema, pois o foco pode estar no usuário e não na substância por ele consumida o que implica em saber quem é esta pessoa e qual relação particular estabelece com a droga. Uma vez que, segundo Seibel & Toscano Jr. (2001) não há registro de sociedade que não tenha feito uso de algum tipo de substância, é necessário compreender o usuário sob diferentes aspectos: histórico, social, cultural, biológico e psicológico. Nesta perspectiva, considera-se que o uso, abuso e dependência de drogas são

fenômenos biopsicossociais contextualizados historicamente e, logo, na compreensão deste estudo, sua prevenção deve partir do mesmo pressuposto.

Em uma comunidade – escola, por exemplo - a prevenção deve assumir um caráter transdisciplinar desde o diagnóstico até a intervenção e avaliação pós-intervenção. Deve, ainda, ser reconhecida como um conjunto de estratégias que mobiliza profissionais de diferentes áreas e pessoas da comunidade. É importante lembrar que o objetivo desta pesquisa se refere a ações de prevenção delimitadas pela sua população-alvo: estudantes universitários.

Formigoni (1998) sugere que uma ação preventiva deve ser precedida da identificação da real necessidade de sua população-alvo. E, para tanto, uma pesquisa do perfil sócio-demográfico, econômico, cultural e psicológico desta população, seria a primeira ação fundamental, portanto, o diagnóstico é o ponto de partida para a elaboração das estratégias preventivas.

Marlatt (2001) apresenta diversos modelos de prevenção nas escolas, orientados por duas posturas consideradas antagônicas, a saber: “guerra às drogas *versus* redução de riscos”. Destacam-se, a seguir outros modelos preventivos que não necessariamente estejam atrelados a uma ou a outra postura teórica e que também podem se configurar como proposta de prevenção. Esta autora destaca os seguintes modelos preventivos:

- a) **Modelo do conhecimento científico:** propõe informar, de modo imparcial e científico, sobre as drogas, a fim de que os jovens tomem decisões racionais e bem fundamentadas;
- b) **Modelo de educação afetiva:** propõe instrumentalizar psicologicamente o jovem, melhorando sua auto-estima, sua capacidade de lidar com a ansiedade e com as pressões do grupo, sua comunicação verbal, entre outras, a fim de torná-lo menos vulnerável ao uso problemático de drogas;
- c) **Modelo de oferecimento de alternativas:** propõe oferecer aos jovens, atividades que suscitem diversas sensações (excitação, desafio, alívio do tédio), substituindo aquelas obtidas, muitas vezes, pelo consumo de drogas;
- d) **Modelo de educação para a saúde:** propõe uma educação para uma vida saudável. Orientar para uma alimentação adequada, atividades não estressantes, vida sexual segura, discussão de temas como poluição e trânsito;

e) Modelo de modificação das condições de ensino: propõe mudanças no ambiente onde o aluno é formado, visando o desenvolvimento sadio do adolescente e do adulto.

Este último modelo é bastante apropriado para ser aplicado na pré-escola e no ensino fundamental. Contudo, pode ser considerado no caso de alunos de etapas posteriores, inclusive, no Ensino Superior, tendo condições de ser adaptado ao ensino superior no momento próprio de definição das ações. Estas estratégias restringem-se ao espaço interno escolar. O que dizer do entorno das escolas e universidades? Os modelos apresentados, cumprindo ao que se prestam, diminuiriam o consumo de álcool, esvaziando, em tese, o entorno escolar. Os jovens prefeririam a escola ao seu entorno. Por esta lógica, a desocupação do entorno da escola seria conseqüência de estratégias de prevenção bem-sucedidas. Mas, se, em vez da desocupação do entorno escolar, houvesse uma nova forma de ocupação? Isto é, uma nova forma de apropriação deste espaço não poderia ser também uma estratégia preventiva ao consumo de álcool? Sob a perspectiva da Psicologia Ambiental, pode-se pensar na apropriação do entorno escolar como estratégia preventiva. Mas de que trata a Psicologia Ambiental?

A Psicologia Ambiental é uma área do saber psicológico e também de atuação do psicólogo. Segundo Carpigiani (2008), esta área tem se construído no âmbito da interdisciplinaridade e envolve, no complexo de suas discussões saberes como Arquitetura e Urbanismo, Geografia, Ecologia, Psicologia, História, Educação, entre outros. Sob esta perspectiva, o homem é, ao mesmo tempo, causa e efeito do ambiente que habita. A forma como o homem se apropria do seu espaço – e a não-apropriação é uma de suas formas – revela seu comportamento, podendo explicar, inclusive, o consumo de álcool. Na perspectiva da Psicologia Ambiental, observa-se um fluxo de estudantes dentro do espaço escolar: do campo interno, a escola propriamente, para seu entorno, os bares e lanchonetes. São espaços que “disputam”, entre si, seus freqüentadores. Enquanto a escola oferece conhecimento (em tese), seu entorno oferece entretenimento (na prática). Enquanto a escola obriga à freqüência, seu entorno seduz, atrai à freqüência. A escola é regida por horários fixos, previamente estabelecidos, aos quais seus freqüentadores devem se submeter. Já no entorno da escola, os horários são, especialmente, determinados pela própria freqüência e animação de seus *habitués*. Sob a perspectiva em questão, o espaço escolar é constituído da escola e do seu entorno. Isto é a comunidade escolar.

Para buscar as causas do consumo de álcool do jovem, compara-se a escola com seu próprio entorno como método de análise. E na comparação feita, deduz-se que os espaços (dentro e fora da escola) são antagônicos em suas ofertas e proibições. O que é proibido em um é permitido em outro e vice-versa (no entorno da escola também há proibições, algo como “é proibido proibir”). Diminuir os antagonismos, pela modificação dos ambientes é uma contribuição da Psicologia Ambiental. Tornar a escola mais lúdica, considerando a relação entre jogo e cultura - tão bem demonstrada por Huizinga em *Homo Ludens* (2001) – também é uma estratégia preventiva ao consumo de álcool que, aliada às demais, permitem ao jovem o conhecimento de si mesmo. Aliás, é a apropriação, de fato, do espaço freqüentado, que possibilita ao sujeito o reconhecimento de si mesmo e sua possibilidade de ressignificar-se sempre. É liberdade.

REFERÊNCIAS

- CARPIGIANI, Berenice (org.) Lugares da Psicologia. São Paulo: Vetor, 2008.
- FORMIGONI, Maria L. O. Souza “Como avaliar ações preventivas” In: *Encontro S.O.S Crack – prevenção e tratamento*. Publicação do Conselho Estadual de Entorpecentes de São Paulo (CONEN-SP) São Paulo, 1998.
- HUIZINGA, Johan *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- MARLATI, Beatriz Carlini “Estratégias preventivas nas escolas.” In: Seibel, S. D. & Toscano Jr., A. *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu, 2001.
- SEIBEL, Sérgio D. & TOSCANO JR., Alfredo *Dependência de Drogas* São Paulo: Atheneu, 2001.